

Thomas Merton e a Paz Pós-cristã

Jaime Costa *

Quanto mais me identifico com Deus, mais me identificarei com Ele. O seu amor viverá em todos nós. O seu Espírito será a nossa Única Vida, a Vida de todos nós e a Vida de Deus... Este amor é o próprio Deus¹.

Associamos o conceito de Guerra Justa à Escolástica católica do século dezasseis, notoriamente com Francisco Suárez (professor das Universidades de Salamanca e de Coimbra) e com Francisco de Vitória (professor da Universidade de Salamanca) que desenvolvem as bases sobre as quais se assentará e direito internacional moderno e, mais concretamente, o que poderíamos considerar como as justificações e demarcações morais a que se devem circunscrever os actos de guerra.

Infelizmente, no contexto moderno, a teoria da *Guerra Justa* volta a ser de actualidade. Talvez, esticada até ao limite, ao juntar-se-lhe uma casuística muito mais complexa, tanto como a guerra e as relações internacionais da actualidade. Este conceito de *Guerra Justa* é, em princípio, ideado para regular as acções de guerra entre nações, não para abolir a guerra, mas para constringir a guerra

¹ Thomas Merton, *New Seeds of Contemplation*. New York: New Directions Publishing, 1972, p. 65

com as limitações impostas pela civilização. Já no século dezasseis, a abolição total das guerras era considerada como uma utopia absurda: resta tão só, então, tratar de obter, por todos os meios possíveis, a protecção da população civil.

Hoje, temo-nos confrontado, concretamente, com os desastres da Bósnia, Somália, Ruanda, Iraque e do terrorismo internacional onde a população civil é objecto primordial de acções violentas. Situações onde é difícil identificar o agressor, devido à natureza complexa que as origina, e onde se propõe, uma e outra vez, a intervenção, sendo a guerra o melhor meio para pôr fim a situações de violência contumaz. Assim, a neutralidade é uma irresponsabilidade, uma imoralidade; e a intervenção e, com ela, a guerra (justa), passa a ser um mal menor. Os “fraternais” exércitos invasores dão lugar a exércitos “humanitários” e, sem querer, voltamos a resgatar do baú da demagogia da Primeira Guerra mundial o lema, que criamos já olvidado, da guerra como instrumento “para acabar todas as guerras”, a guerra humanitária fica agora actualizada com a “guerra contra o terror”, após os ataques terroristas do 11 de Setembro e do 11 de Março.

Neste frenético avanço da história para um pensamento paradoxalmente belicista, dado que o que se propõe é acabar a guerra, a violência com a violência, cabe-nos reflectir sobre a correcção desta precipitação. Foi neste contexto e com o objectivo de tentar uma reflexão pessoal sobre a questão do valor da guerra e da paz que, por mero acaso, se é que este existe, que encontrei um pequeno livro, o qual apesar da sua relativa idade e, até mesmo, da sua ampla circulação, não tinha sido nunca publicado até ao ano 2004: trata-se de *Peace in the Post-Christian Era*², do grande mestre místico trapista norte-americano Thomas Merton (1915-1968).

Peace in the Post-Christian Era é um texto, datado em 1962, digno da maior atenção, pelo facto de provir de uma das figuras incontornáveis do pensamento católico do século vinte, pelo facto de tratar da paz no contexto da ameaça de um holocausto nuclear,

² Thomas Merton, *Peace in the Post-Christian Era*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2004

então provável dentro das hostilidades da “guerra-fria”. É, ainda, um livro que, sem ser alguma vez publicado, teve uma ampla difusão, em policópia, no âmbito das personalidades mais influentes da política norte-americana da altura, uma vez que Merton o faz chegar ao círculo mais restrito da Casa Branca. Recordemos que a presidência dos EUA é ocupada, pela primeira vez, por um católico e que este facto pressupõe uma abertura social inédita ao pensamento católico. É um livro que tinha chegado, também, ao então Cardeal Montini.

Devo dizer que fui, ainda, pessoalmente atraído para este livro pelo simples prefixo *Pós*. Interessado que sou pela realidade do tão badalado *Pósmodernismo*, perguntava-me se este livro teria alguma daquelas características existente no período chamado de *Pósmodernista*. Afinal, que seria isto de *Era Pós-Cristã*? Um termo, devo dizer, um tanto assustador, no contexto de uma perspectiva católica sobre a paz no mundo. Além de tudo isto, perguntava-me que teria de especial este livro de um autor que obedecera, diligentemente e “por amor a Deus”, a uma ordem superior para não publicar nada mais sobre a guerra e a paz.

Consolava-me pensar em algo em que acredito, no uso do prefixo *Pós* como dando a entender no contexto do Pósmodernismo um período de reflexão sobre a progressão da modernidade, de análise sobre como se está a realizar a caminhada do mundo moderno e do homem moderno. Seria que o livro me encaminharia por outros roteiros?

Atendendo a estas características singulares da obra, e ao seu autor, da distância cronológica que nos separa dele, e do contexto nele descrito, perguntava-me acerca da possibilidade da vigência das ideias nele expostas e, mais concretamente, sobre uma eventual indicação de um caminho a seguir neste ainda tão jovem e já tão desesperançado século vinte e um.

O mundo Pós-cristão

Merton identifica o mundo surgido do fim da Segunda Guerra Mundial como um mundo sumido numa profunda crise,

Jaime Costa *

uma crise do espírito humano. O ser humano teria perdido todos os valores vindos das raízes religiosas e culturais.

O pensamento de Merton baseia-se na ideia, repetida inúmeras vezes na sua obra, de que já não vivemos num mundo cristão. Este é um mundo onde os próprios cristãos tendem a rejeitar, como sentimental, a mensagem ética do Evangelho sobre a violência e a paz.

A razão principal pela qual estamos a derivar para uma guerra nuclear é porque estamos confusos, vazios e descontentados. Não temos um centro espiritual e ético. Não temos motivos que nos permitam construir um mundo pacífico, porque não temos uma razão suficiente para refrear a nossa violência. Num tempo em que é provável que surjam em cena outro Hitler ou outro Estaline, esta é realmente uma deficiência fatal³.

É este, assim, um mundo onde parecem poder ser identificadas, sem dúvida com ligeireza, as causas do mal: uma nação, uma classe, uma raça, uma ideologia, um sistema. O objecto identificado como materializando o mal é destruído, mas, como diz Thomas Merton, “longe de nos curar, isto é tão só outro paroxismo que agrava a nossa dorlência”⁴.

Neste mundo pós-cristão, descrito, muito graficamente, como sendo um deserto espiritual, persiste a ideia de que a civilização ocidental “tem o mandato de castigar e reformar as raças inferiores”. Merton define a essência da mensagem cristã nos seguintes termos:

Significa que o amor é a chave da própria vida e o significado completo do cosmos e da história. Se, então, os cristãos existirem sem amor então privarão todos os outros homens do acesso à verdade central que dá significado a toda existência⁵.

Ainda mais: este Pós-cristianismo é o resultado de uma re-petição continuada da mensagem cristã até que esta aparece es-

³ Thomas Merton, *Peace in the Post-Christian Era*, p. 19.

⁴ *Ibidem*, p.127.

⁵ *Ibidem*, p.128.

Jaime Costa *

vaziada de todo o conteúdo inteligível aos ouvidos daqueles para quem a palavra de Deus ainda se encontra próxima. Isso deve-se-á, então, a uma assunção do cristianismo de uma forma meramente superficial sem atender ao significado profundo e espiritual, irremissivelmente prático, o que nos leva a pensar na realidade de um mundo que é culturalmente cristão, e apenas culturalmente cristão, nos países de tradição cristã mais enraizada ao assumir muitos dos valores surgidos de uma Europa cristã geradora da ideia de Civilização Ocidental, que agora se espalha de forma superficial por todo o mundo.

Sendo assim, Merton, e, aparentemente tomando uma posição que teria pouco a ver com a sua pertença a uma ordem contemplativa, propõe como instrumento de mudança um compromisso total com o mundo, com todas as complexidades da existência do ser humano. O alicerce do seu pensamento em prol da paz será o próprio compromisso de Deus para com o mundo. A incarnação representa uma escolha de Deus, o desejo de estar, tanto agora como então, no mundo que é a sua própria criação. Tal como afirma Merton:

Todo o espírito cristão autêntico é de compaixão, de responsabilidade e de compromisso. Não pode ser indiferente ao sofrimento, à injustiça, ao erro, à inverdade. Precisamente por esta razão a espiritualidade genuinamente cristã deverá estar profundamente preocupada com todos os riscos e problemas resultantes da mera existência de arsenais de armas nucleares e armamentos biológicos⁶.

O optimismo cristão nunca consistiu em deixar que Deus trate de pôr tudo, outra vez, em ordem. Os cristãos têm a obrigação de viver de acordo com o Evangelho e este é claro no que respeita à violência, Jesus é o Príncipe da Paz. Assim, todos os Cristãos estão efectivamente obrigados a tomar uma acção positiva e activa a favor da restrição do uso da força e fazer com que a manutenção da paz fique nas mãos de uma autoridade internacional que possa efectivamente prevenir a guerra e promover a paz. Isto

⁶ Thomas Merton, *Peace in the Post-Christian Era*, p. 131.

supõe, nada mais simples ou complexo, do que pôr em prática os preceitos do Evangelho. Supõe, também, uma comunicação autêntica entre o mundo interior das crenças com o da prática das acções. O cristão, segundo Thomas Merton, deverá ser um verdadeiro custódio dos valores humanos e morais e "deverá dar a mais alta prioridade ao seu esclarecimento e defesa". Torna-se claro, portanto, que a passividade, perante qualquer acontecimento onde estes valores estiverem em perigo, não entra no caminho a seguir por um cristão.

A questão é, então, estudar o problema e a possibilidade de um projecto de desarmamento gradual racionalmente negociado... e criar uma *atmosfera de esperança e confiança na negociação*. Esta é uma tarefa de urgência suprema e de dever cristão⁷.

O perigo da "Guerra Total"

É verdade que as teorias sobre a *Guerra Justa* serão tão antigas como a própria guerra. Daí, desde já muito cedo, uma premissa ocupação cristã para com a questão da guerra. Na sua *Summa Theologiae*, Santo Tomás de Aquino exprime o que será a base do pensamento cristão tradicional sobre os conflitos armados e a conduta moral a seguir. Desde então aquilo que se chama *Teoria da Guerra Justa* tem estado dividida em três partes, a saber: a justiça na razão de declarar a guerra (*Ius ad bellum*), a justiça da conduta em guerra (*Ius in bello*) e a justiça nos acordos de paz (*Ius post bellum*).

Apesar de tudo, de todas as teorizações sobre a *Guerra Justa*, as violações de direitos humanos e os crimes contra a humanidade têm-se sucedido sem tréguas, apesar da aparente consagração internacional dos direitos humanos e das ameaças de constituição de tribunais internacionais para castigar todas essas violações. O problema do desrespeito e violação não parece estar ligado a lacunas educativas ou coercivas. A Alemanha da Segunda Guerra Mundial poderia ser considerada, por muitos, como o povo mais

⁷ *Ibidem*, p. 98.

civilizado' da altura, mas que dizer dos Aliados e da sua condução da guerra sobre a ameaça constante de uma derrota militar. Não nos esqueçamos do bombardeamento de Dresde e dos discursos incendiários de líderes de então como Wiston Churchill, que pareciam espelhar os 'melhores' discursos de Adolf Hitler⁸.

Segundo Michael Walzer, *Just and Unjust Wars* (1977), a introdução das armas nucleares teria alterado tanto as condições dos conflitos bélicos que as nossas noções de moralidade e, de guerra justa ter-se-iam tornado completamente obsoletas. Pergunto-me se esta obsolescência será também válida à face de ataques terroristas cada vez mais sofisticados e mais devastadores dirigidos contra simples cidadãos comuns e não contra exércitos ou estados.

Diríamos com Merton que o problema da guerra e da violência estriba em ver "o outro" como não humano, como não participante da mesma origem divina que nos próprios.

A violência assenta-se na assunção de que o inimigo e eu somos inteiramente diferentes: o inimigo é perverso, e eu sou bom. O inimigo deve ser destruído, e eu devo ser salvo. Mas o amor vê as coisas de uma maneira diferente. Vê que o inimigo sofre das mesmas aflições e limitações que eu. Que ambos temos as mesmas esperanças, as mesmas necessidades, as mesmas aspirações a uma vida humana pacífica e sem perigos. E que a morte é igual para ambos. Então quicá o amor me mostre que o meu irmão não é realmente o meu inimigo e que a guerra é tanto minha inimiga como inimiga dele. A guerra é a nossa inimiga. Então a paz torna-se possível⁹.

⁸ Com a ameaça de uma derrota militar provável, Wiston Churchill dirige-se ao Parlamento, em 1940, nos seguintes termos: "Let us therefore brace ourselves to do our duty, and so bear ourselves that, if the British Commonwealth and its Empire lasts for a thousand years, well will still say, 'This was their finest hour' ". And... What is our aim? ... Victory, victory at all costs, victory in spite of terror; victory, however long and hard the road may be; for without victory, there is no survival".

⁹ Prefácio à versão vietnamita de "No Man Is An Island", em *The Non Violent Alternative*. New York: Farrar, Strauss, Giroux, 1980, pp. 64-65.

Jaime Costa *

Viva la Muerte! Ou a "Guerra contra o Terror"

No contexto da guerra atômica, aquela que em vida de Merton se considerava "ganhável" mesmo que, nos Estados Unidos, esta causasse 50 milhões de mortos (e a China até poderia dar-se como vitoriosa até com perdas na ordem dos 300 milhões!), nesta demência da guerra total que deverá levar também a uma vitória total evidenciada pela destruição total do inimigo, Thomas Merton propõe, frente a uma ideologia derrotista (derrotista, também mas não só porque o que se pretende é a derrota do outro), o valor do diálogo. Embora possa parecer, por momentos, que este esforço pacificador seja "fútil e que a negociação seja ela própria uma farsa"¹⁰.

A sobrevivência, ou o perdurar da Civilização Ocidental ou do Cristianismo, não depende de um confronto total: o Cristianismo e a Civilização Ocidental podem perdurar por fins pacíficos; de nenhuma maneira a vitória sobre o inimigo deverá contemplar a sua completa aniquilação, isto fará da guerra algo inevitável e, até, desejável. Infelizmente, diz Merton, os defensores da solução armada têm sido sempre os mais ouvidos porque: "a sua mensagem é mais propícia aos objectivos, aos medos e aos interesses dos grandes negócios, dos militares e do nervoso público do estado baluarte."

Esta dependência de uma posição belicista e que representa 'a mentalidade do desespero' é vista precisamente por Merton como fruto do pós-cristianismo: "o resultado de um espírito secularista, irreligioso, pragmático que, realmente, corroe toda a estrutura moral do ocidente."¹¹ Uma mentalidade que joga com a possibilidade da morte ao abraçar a guerra torna-se numa atitude meramente suicida: Merton lembra-nos a expressão alemã da Segunda Guerra Mundial "Lieber rot als tod" em oposição à corresponsente americana durante a Guerra Fria "Better Dead than Red."

¹⁰ Thomas Merton, *Peace in the Post-Christian Era*, p. 125.

¹¹ *Ibidem*, p. 125.

Jaime Costa *

A Guerra Justa no contexto nuclear de Merton

Segundo a tradição mais clássica, existe uma série de critérios pelos quais o uso da força é considerado como possível ou mesmo 'ético'. Assim, uma guerra poderá ser declarada em defesa de um próprio ou de outros; este uso da força deverá ter, necessariamente, uma razoável probabilidade de sucesso a fim de evitar perder em vão vidas humanas; este uso da força supõe a exaustão de todos os outros meios possíveis; para evitar o conflito armado; por fim, este uso da força deverá ser proporcional ao mal causado.

Thomas Merton cita Edward Teller, o pai da Bomba H, creio que por uma certa atitude paradoxal que este cientista adopta. Por um lado, Teller considera útil e necessário o 'equilíbrio nuclear' frente União Soviética, como medida dissuasora. Um equilíbrio, no entanto, que entra numa verdadeira corrida, por causa do terror criado em ambos os blocos, um terror que é, também, dialéctico ao ter de fazer cada vez ainda mais creíveis as ameaças. Por outro lado, este cientista comprometido com a "escalada" de tensões vê necessária a criação de 'uma comunidade mundial' de nações empenhadas com a paz. Ainda mais, Teller afirma:

Para preservar a paz no mundo adoptámos uma política na que creio firmemente e da que partilho plenamente: nunca veremos ser os primeiros a atacar. Estamos firmemente convencidos que seria moralmente indefensável começar uma guerra atómica¹².

Merton cita, também, Leo Szilard, outro dos cientistas nucleares notáveis, e mais de acordo, segundo Merton, com os preceitos morais cristãos e que no contexto da Guerra Fria faz duas propostas tendentes a criar um ambiente de confiança. A primeira medida é a do compromisso de não realizar nunca um bombardeio estratégico de cidades por armas convencionais ou atómicas, sempre que esta reciprocidade fosse também adoptada pelos soviéticos; a segunda, que o uso de armas nucleares estratégicas se

¹² Citação tomada de *The Legacy of Hiroshima*. Westport, Conn: Greenwood Press, 1962, p. 234.

Jaime Costa *

restringisse aos exércitos no campo de batalha. As armas nucleares ficariam, assim, limitadas a uma acção meramente defensiva. E, no caso de uso de força nuclear, a população civil deveria ser avisada com antecipação para proceder à evacuação.

Para Thomas Merton, existe uma verdade fundamental, que nos parece ainda muito válida para o nosso contexto actual:

Quero insistir, particularmente, sobre uma verdade fundamental: que toda a Guerra nuclear e, realmente, toda a destruição de cidades, populações, nações e culturas por quaisquer meios é um crime muito sério que nos é proibido não só pela ética cristã mas por todos os códigos morais sensatos e sérios.¹³

Merton atribui o estado de tensão entre blocos, um ambiente autenticamente pré-belico, a um "estado mental" de truculência e suspeita, em grande medida localizado nos *mass media*, e materializado a partir de "pressupostos superficiais acerca do que está a suceder no mundo e do que é provável que suceda"¹⁴. Aqui se encontra a razão pela qual o conceito de "guerra preventiva" passa a ser algo facilmente aceite pelo público, uma, vez que esta passa a estar justificada, tal como o "estado mental", em "algo indefinido" e "intangível", diríamos que é algo dificilmente sujeito a uma avaliação objectiva: a "ameaça" e a "provocação".

A questão é precisamente esta: não que a guerra atómica e as armas nucleares sejam justas, mas que *qualquer recurso ao terrorismo e aniquilação total não é justo, quaisquer que sejam as armas usadas*¹⁵.

Esta situação descrita por Merton foi conhecida como *brinkmanship* no âmbito da política externa norte-americana e fundamenta-se, precisamente, na gestão da política externa de uma perspectiva do limite, da situação crítica como algo sempre presente e não só controlável, mas também até desejável para obter fins concretos.

¹³ *Ibidem*, p. 98.

¹⁴ Thomas Merton, *Peace in the Post-Christian Era*, p. 91.

¹⁵ *Ibidem*, p. 64.

¹⁶ *Ibidem*, p. 92.

¹⁷ *Ibidem*, p. 10.

Jaime Costa *

Para evitar o que Merton considera como uma "combustão moral", existe uma protecção: a fundamentação "profunda e sólida nos princípios espirituais, devemos ter uma força moral profunda e perseverante, uma compaixão, e afecto para com a verdade e para com a humanidade, fé em Deus, e uma fidelidade inflexível para com a lei do amor de Deus"¹⁶.

Num mundo presente, onde já se recuperou a retórica bélica de todos os conflitos passados, onde se resgata a noção de confronto entre blocos, civilizações ou religiões cabe-nos perguntar sobre o valor da mensagem de Thomas Merton. Merton faz-nos ver a carência de Humanismo como a causa de deixar de ver o outro como participante da nossa mesma natureza de ser humano, submetido às nossas mesmas aspirações, necessidades e, em caso de guerra, sofrimentos e penalidades. Esta visão do inimigo como ser humano assenta sobre uma visão cristã. Para Merton, e isto é algo característico de toda a sua obra, o ser humano é participante da divindade, é criado à imagem e semelhança do próprio Deus. A agressão contra outro ser humano é algo extremamente sério, dado que constituirá uma agressão contra outra natureza que partilha, também, dos dons da divindade. Os cristãos têm a obrigação de tratar a todos os homens como se fossem o próprio Cristo, e de respeitar a vida do seu próximo como se fosse a vida de Cristo, e os seus direitos como se fossem os de Cristo. Esta é a imitação de Cristo. Neste sentido, Merton é muito claro: mesmo quando pensa que a questão da paz transcende a religião cristã, ele afirma:

A doutrina da Incarnação faz do cristão um ser devedor, ao mesmo tempo, de Deus e do homem. Se Deus se fez homem, então a nenhum cristão poderá ser permitido tornar-se indiferente ao destino do homem. Quem acreditar em Cristo como a palavra feita carne, acredita que todos os homens devem, de algum modo, ser considerados como sendo Cristo¹⁷.

Thomas Merton situa-se numa posição que poderíamos classificar como de “centro” frente a uma “posição realista ou dura” que defende a escalada no conflito da Guerra Fria como a melhor garantia para a paz, e frente à posição de um grupo de idealistas de esquerda, que propõe o desarmamento unilateral como passo prévio a uma situação de confiança mútua que permita a negociação de um desarmamento total.

Eu alinho, portanto, com aqueles que tomam muito seriamente a necessidade e a possibilidade de uma firme, positiva e descomprometida política de desarmamento multilateral¹⁸.

Uma e outra vez, a proposta de Merton frente à guerra generalizada entre blocos é a redescoberta da perspectiva cristã e o abandono do individualismo e a ética secular de uma sociedade afluyente que se apoia na falsa assunção de que o bem comum resultará da operação das leis económicas assentes sobre o bom desempenho individual.

Ao proclamar a necessidade da não-violência perante um confronto de larga escala, a proposta de lutar contra a guerra com as armas mais eficazes, as armas espirituais, parece sobremaneira quixotesca, mas é a única maneira de “fugir à obrigação de usar a guerra como último recurso, puramente *em defesa*, e com o uso único de meios justos”¹⁹. Como dirá Thomas Merton:

É absolutamente anticomunista adoptar, na prática, uma posição que rejeita praticamente ou ignora todo recurso a armas espirituais, e as relega inteiramente a um segundo plano como se não tivessem eficácia alguma, ou como se as armas materiais (quanto maiores, melhor) fossem as que realmente contassem²⁰.

* Professor da Universidade do Minho

¹⁸ *Ibidem*, p. 17.

¹⁹ *Ibidem*, p. 97.

²⁰ *Ibidem*, p. 96-97.